

AROLD MURÁ G. HAYGERT

**VOZES
DO PARANÁ**
RETRATOS DE PARANAENSES

ALEXANDRE CURI
ARY DE CHRISTAN

**BENTO GARCIA
JUNIOR**

GLEISI HOFFMANN
GUSTAVO FRUET
IRINEO DA COSTA RODRIGUES
JAIME LERNER
JOÃO OSÓRIO BRZEZINSKI
LUIZ ALFREDO MALUGELLI
LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ
ELIN TALLAREK DE QUEIROZ
PEDRO CORRÊA DE OLIVEIRA
RAUL TROMBINI
RENÉ DOTTI
RICARDO HOEPERS, PE.
RICARDO PASQUINI
WALDO VIEIRA
WILSON DE ARAÚJO BUENO



Convivium
editora ltda.

© 2009 Aroldo Murá G. Haygert

Produção editorial

Editora Esplendor
Jubal Sérgio Dohms

Revisão

Agostinho Baldin
Luis Henrique Zanon Franco de Macedo (referências)

Projeto gráfico e capa

Jubal Sérgio Dohms
sobre layout de Clarissa Martinez Menini
(para o primeiro livro da coleção)

Arte

Carlos Augusto Rougemont
Gilberto Nunes Guerra

Fotos

01, 05 e 07: Alice Varajão
02 a 04, 06 e 08: arquivo pessoal

Dados internacionais de catalogação na fonte
Bibliotecária responsável: Angela M. S. Cherobim

H412 Haygert, Aroldo Murá G.
Vozes do Paraná: retratos de paranaenses /
Aroldo Murá G. Haygert - Curitiba: Esplendor;
Convivium 2009.
300p.: il.; 23 x 28cm.
ISBN 978-85-98364-21-6

1. Paraná – Biografia. I.Título

CDD (22ª ed.) 920.098162

1ª Edição



Para adquirir este livro, entre em contato com a
CONVIVIAM EDITORA LTDA.
Av. Sete de Setembro 5569, sala 1106
Curitiba PR
CEP 80240 001
Telefone (41) 3243 2530
contato@conviviumeditora.com



EDITORA ESPLENDOR
Rua Deputado Mário de Barros 752 -
Juvevê
Curitiba-PR
CEP 80530 280
Telefone (41) 3253 4608
eduardo@esplendorbrasil.com.br

Impresso no Brasil

apresentação

Este segundo volume de VOZES DO PARANÁ nasceu porque, sendo parte de um projeto pessoal do autor, foi empurrado por resultados além do esperado. Houve muitas manifestações positivas sobre perfis com que mostrei homem e mulheres singulares da vida paranaense.

De todas as expressões, a que mais me animou foi o olhar sapiente que sobre este trabalho colocou o crítico literário e analista da sociedade brasileira – vide História da Inteligência Brasileira e Um Brasil Diferente –, o mestre Wilson Martins.

As observações da genial personalidade brasileira (ele ainda não teve o justo reconhecimento de sua terra) são lições que ficam. Eu as recolhi absolutamente surpreso, compungido, até, pois não imaginava merecer meu livro avaliações de um nome tão paradigmático da cultura brasileira.

Este segundo volume nasce com o compromisso de ampliar os “retratos” de paranaenses, salientando sua obra, pois se trata de gente que ajuda a definir o Paraná contemporâneo de maneira particularmente saliente. São novos construtores da sociedade, parceiros da História. Uma parcela pequeníssima, é certo, mas bem representativa de um Paraná multifacetado.

O livro tem só essa pretensão: registrar as pisadas de alguns, escolhidos entre milhões de paranaenses, como parte de uma mostra preciosa. Conhecê-los pode ser um exercício lúdico, em certos casos; noutros, um desvendar de tipos psicológicos que orgulham o Paraná, por sua obra até internacional.

A leitura dos feitos desses personagens pode propiciar uma boa imersão em realidades valiosas, nem sempre muito conhecidas, absolutamente importantes para o melhor entendimento dessa terra de todas as gentes.

Aroldo Murá G. Haygert
aroldo@cienciaefe.org.br

Curitiba, 26 de maio de 2009



Bento Garcia Junior mago do sorriso, testemunha de Curitiba

O som é de um Vivaldi ao fundo, dando a certeza de que o dono do espaço é alguém de educação musical requintada. Certeza redobrada quando se ouve, depois, um “Gloria” em gregoriano, na voz dos monges da Abadia de São Geraldo de Silos. A diversificação do *menu* poderá incluir a voz de uma das deusas do *negro spiritual* americano – as divinas negras –, como Ella Fitzgerald.

E dá-lhe contrastes de peso, para diversos gostos: naquela sala de espera de consultório, cenário moderno, confortável e sóbrio, criação do arquiteto Manoel Coelho, numa mesa apresenta-se o mundo feericamente impresso à disposição de quem chega. Às vezes, pode ter até um *Le Monde Diplomatique*, edição francesa, mas a variedade do universo da moda, dos carros, dos estilos de vida, é o que mais está presente em revistas americanas, francesas e inglesas de papel *couché* brilhantíssimo e fotos multicoloridas, revelando um mundo só de bem-estar, tudo pensado num público que não se contenta com pouco.

O cenário se completa quando Bento Garcia Junior, impecavelmente vestido *comme il faut*, branco completo, alvo mais que a neve, recebe o cliente pelo nome e com um cumprimento polido e que é, ao mesmo tempo, caloroso-contido. E sem dispensar a citação dos títulos do cliente, mesmo sendo alguém de suas relações fraternas. Mesuras na medida certa, ele é avesso a exageros.

Cenas que se repetem diariamente, de segunda a sexta-feira, das 7h15 às 18h00. Com precisão suíça, os horários são observados à risca.

Este é o cenário de um templo do sorriso sem medo, o consultório dentário, na Rua Comendador Araújo, por onde desfila significativa parte do PIB curitibano, há muitos anos.

E para onde acorrem também homens que, em boa parte, decidem o destino do Estado, políticos de todos os matizes.

“Agora, ando meio preguiçoso, antes trabalhava também aos sábados de manhã”, explica Bento quando lhe indagam de sua profunda e proverbial imersão no mundo do trabalho.



2001, com Leila em Washington.

Disciplina de quartel

Esse cenário de organização, de disciplina e de *finesse* acentuadas pelos mundos musical e visual – quadros de Antonio Maia e Farnese nas paredes – tem raízes, é claro. É parte da biografia do requisitado profissional da odontologia chegado a Curitiba em 1961, vindo do Balneário Camboriu, Santa Catarina, num tempo em que – como regra – só privilegiados materialmente poderiam fazer confortável trajetória de vida universitária como a que fez Bento.

A começar pela formação de base que o pai, Bento Elói Garcia, comerciante bem sucedido do ramo de torrefação de café, com incursões pelo ramo imobiliário, conseguiu dar-lhe e aos outros cinco irmãos e irmãs. Tempos de

uma Camboriu no nascedouro, tudo começando, as praias querendo ser conquistadas.

O conforto da casa paterna erguida em terreno com 900 metros de frente por dois quilômetros de fundos, por exemplo, é coisa impensável para os dias de hoje. Casa/lar pontuada pelo carinho disciplinador da mãe, dona Acyla Santos Garcia, uma alma religiosa, piedosa, comprometida com o futuro dos filhos.

E o futuro de Bento passaria por endereços de educação da elite catarinense, em colégios internos católicos: o São Luiz, de Jaraguá do Sul, e depois, o científico, no Santo Antônio, dos franciscanos, em Blumenau.

“Era uma disciplina de quartel”, recorda Bento, aplaudindo o educar dos irmãos maristas de origem france-

sa e dos franciscanos de sotaque alemão. Na frase há uma certeza, de que “nada se perde quando se recebe o bem”. Nenhuma reeriminação.

Passada a “disciplina de quartel”, o ano de 1961, em Curitiba, foi o grande divisor de águas: foi direto para o cursinho Dr. Bardhal, preparar-se, aos 19 anos, para o vestibular de Odontologia na Universidade Federal do Paraná. Aprovado no exame, fez o curso de 1962 a 1965 na cidade ainda meio provinciana, que via instalar-se o “consulado” de Ney Braga no Palácio Iguaçu e a definição de um novo Paraná, com o fenômeno da urbaniza-

ção chegando à Capital.

Ser parceiro e testemunha dessas mudanças sociais – crescendo e vivendo com boa parte dos novos comandantes do Estado, de sua política e economia – foi um dado visceralmente valioso na biografia de Bento.

Não cita nomes de colegas de universidade, não quer esquecer ninguém, uma omissão involuntária causaria mágoas. A exceção é para o primeiro aluno da classe, Luiz Regatière do Nascimento, hoje um odontopediatra requisitadíssimo, notável da área.



Com os filhos.



Com Dino Almeida
e Celso Caron.

Os mestres, as técnicas pioneiras e a biodonto

Se o gosto musical é predominantemente clássico, o que inclui o “clássico” Frank Sinatra – jamais ausente no CD do carro –, não se imagine Bento Garcia Junior resistente à inovação. Pelo contrário: o fato de ele ter-se tornado um dos ícones da odontologia curitibana no *podium* há 30 anos, se deve justamente a estar antenado com o sinal dos tempos, permeável às mudanças.

Foi assim, por exemplo, pioneiro no acatar, no Brasil, a grande revolução dos implantes dentários concebidos pelo sueco Brenemark (implante osteointegrado).

A novidade chegara pelo gênio e a perícia do cirurgião dentista Julio Sá Ferreira, que absorvera todos os segredos da técnica revolucionária na UCLA, Califórnia, e depois disseminaria esses conhecimentos em todo o Brasil e na América Latina. O grande centro reprodutor da técnica (“se um fêmur pode ser preso por titânio, por que não o dente?”, questiona Bento) localizou-se em Curitiba, com a clínica/escola Biodonto fundada por Julio. Funcionava no Alto da Rua XV, espalhando influência pela América Latina toda, e acolhendo odontólogos do continente.

E Bento, um dos melhores resultados da Biodonto, se

orgulha de ter recebido atenção especial de Julio. Este, garante Bento, até agora não foi superado no país em sua especialidade e na qual gerou uma linhagem de primeira. Linhagem que dá a Bento o direito de reclamar ter sido o pioneiro, no Brasil, a fazer prótese sobre implante, a especialidade que o iria notabilizar.

A experiência da Biodonto, começada há 21 anos, durou quinze anos, tempo em que Bento viu desfilar por Curitiba algumas referências mundiais da Odontologia, professores como o argentino Aníbal Alonzo, tido como o maior especialista em prótese do mundo; o suíço Renzo Casselini, insuperável, nível também mundial, na técnica de prótese dentária.

Bento sabe partilhar resultados: em primeiro lugar, com o mestre Julio Sá Ferreira; depois, com o também discípulo de Julio, Sandro Ferreira, que opera os pacientes de Bento, e para o qual reserva todos os superlativos ao classificá-lo de “um profissional de primeira”.

No altar odontológico de Bento há gurus quase “ina-

cessíveis”, como Morton Amsterdam, da Universidade de Filadélfia, a cujo lado aparece em fotos em congressos mundiais.

Mas ele jamais esquece as bases montadas no bom curso de Odontologia, o da UFPR, onde a falta de equipamentos avançados e requintados era substituída pela dedicada transmissão de técnicas e conhecimentos que de fato preparavam para a profissão.

Com o excesso de escolas de odontologia hoje existentes no Brasil, dá-se o contrário: saem profissionais de meia sola, como regra... Ao contrário – lembra – de países como a Argentina, onde há apenas nove escolas, duas como referência mundial. Lá as classes têm, no máximo, 25 alunos. No Brasil há 140 escolas, um absurdo numérico refletindo em qualidade duvidosa de ensino. “Onde providenciar formadores preparados para os desafios de uma Odontologia que apresenta avanços surpreendentes todos os dias?”, pergunta Bento.

Um mestre inesquecível da UFPR? Não titubeia: Ar-



Com a cirurgiã-dentista Alzira Prevital.

mando Cavanha, um cientista, um pesquisador.

Bento tem história e currículo. Reconhece que “dei um salto de qualidade com os implantes”. Mas não se ilude, a odontologia tem espinhos, exige silenciosa doação em muitas ocasiões. Requer conhecimentos de médico, habilidade de cirurgião e paciência de monge de clausura, costuma dizer.

O charme da profissão existe e reside, diz, por exemplo, no aspecto estético da Odontologia. Neste aspecto, tem a participação decisiva da cirurgiã dentista Alzira Prevital, há 15 anos apoiando no atendimento aos clientes de Bento, no mesmo endereço da Comendador Araújo.

Acompanhou Curitiba desde a do velho Paraná

A fidelidade aos amigos distingue Bento. Fidelidade como a que vota à memória do jornalista Dino Almeida, que foi insuperável no acompanhar a vida e as mudanças da sociedade do Paraná. Dela Dino registrou os momentos mais significativos, muitos deles a partir de bastidores, às vezes de forma única, dos anos 60s a 90s.

De certa forma, houve muito em comum na trajetória dos dois: ambos eram catarinenses e quase na mesma época começaram a firmar-se numa Curitiba que mudava o *facies*, a fisionomia. Os dois foram à luta, em campos diversos, dispostos a crescer juntos com aquele tempo que – com sabedoria pressentiram – seria histórico.

Tempo de mudança estrutural na sociedade curitibana, com o chamado velho Paraná das famílias tradicionais e cheias de referências históricas indissociáveis da História do Estado começando a dar espaço sem reservas aos novos paranaenses. A cidade começando também a verticalizar-se e a receber multidões de novos cidadãos com seus costumes e identidades próprios, suas histórias de vida com outras referências, e dispostos a conquistar espaço na Curitiba ainda Cidade Sorriso.

Gente, principalmente, de toda Santa Catarina, assim como os gaúchos do Sudoeste ou do próprio Rio Grande do Sul, “parece que estavam se mudando para Curitiba”, assinala um jornalista, corroborando com as observações de Bento Garcia sobre a nova realidade demográfica em definição no início dos 60s. E o Norte do

Paraná também chegava, na capital despejando gente com muito, com pouco ou com nenhum dinheiro.

Bento soube, ao mesmo tempo, fincar raízes na sociedade historicamente definidora de Curitiba, a dos Leão, dos Franco Ferreira da Costa, dos Camargo, dos Rocha Loures, a dos Silva Carneiro, dos Ferreira do Amaral, a dos Albuquerque, a dos Cunha Pereira, a dos Suplicy de Lacerda, a dos Portugal, a dos Macedo... Uma sociedade que se mantinha discretamente altaneira – paradigmática em posturas empertigadas, como as dos Guimarães, nacarinos, descendentes do Visconde de Nácar –, que já havia aceitado os imigrantes europeus chegados no século XIX. Embora estabelecendo limites no conviver com as gentes do Velho Mundo, quase todos imigrantes de origem pobre, ou “porão de navio”, como eram cögnominados por alguns da velha classe. Um qualificativo pejorativo, mesmo que oblíquo.

E sempre houve os que, como David da Silva Carneiro, com sua visão lusocêntrica da história do Paraná, registravam sua restrição aos imigrantes de forma explícita, tal como o historiador fez em sua controvertida obra “História Psicológica do Paraná”. Posição que jamais foi, por exemplo, de Wilson Martins, de largo reconhecimento ao papel dos imigrantes não-lusos.

A velha Curitiba, apesar de aparentar aberturas ao forasteiro, tinha seus códigos, e apenas raras e estreitas portas de acesso às grandes mansões. Assim era com a de dona Mercedes Fontana, para citar um ícone dos anos 60s.

E ser admitido no Clube Curitibano era também difícil (ficava no prédio do Centro, Rua Barão do Rio Branco com Rua XV); o Graciosa, quase inacessível; depois, o dinheiro novo foi abrindo portões e janelas dos clubes “mais fechados” e dos salões senhoriais, como sinais dos tempos. O trabalho e a obsessão ímpares – alguma coisa parecida com os postulados de Weber sobre o capitalismo – garantiram espaço e respeito sem limites aos imigrantes e seus descendentes.

Bento se impôs por uma personalidade comunicativa, mas sem arroubos, educada “como a velha Curitiba sempre gostou”, opina um analista de costumes. Assim como também era do temperamento de boa parte dos novos capitães da Economia paranaense.

Claro que para Bento a aclimação com a nova re-



Leila, companheira de vida.



No consultório, fundo musical e atmosfera de artes plásticas.

alidade – e derrubar barreiras – foi facilitada pela vida acadêmica de quatro anos, garantindo-lhe a inserção a partir de referências da cidade. Uma delas, o Chá de Engenharia na Duque de Caxias – por onde passava sobretudo a juventude universitária vinda de todo o Brasil –, as horas gastas com as namoradas e os amigos na Fontana Di Trevi, confeitaria e restaurante que era o *must* dos anos 60s, na Boca Maldita. Um roteiro que o estudante cumpriria com prazer no *footing* da João Pessoa, nas ses-

sões do Cine Avenida (hoje Palácio Avenida, do HSBC), Cine Ópera, no outro lado da rua, ao lado da Galeria Tijucas. E, quem sabe, as boates “Marrocos” e “La Vie em Rose”, por que não? E os encontros com a turma de escola na Confeitaria Guairacá, ou no Bar Triângulo.

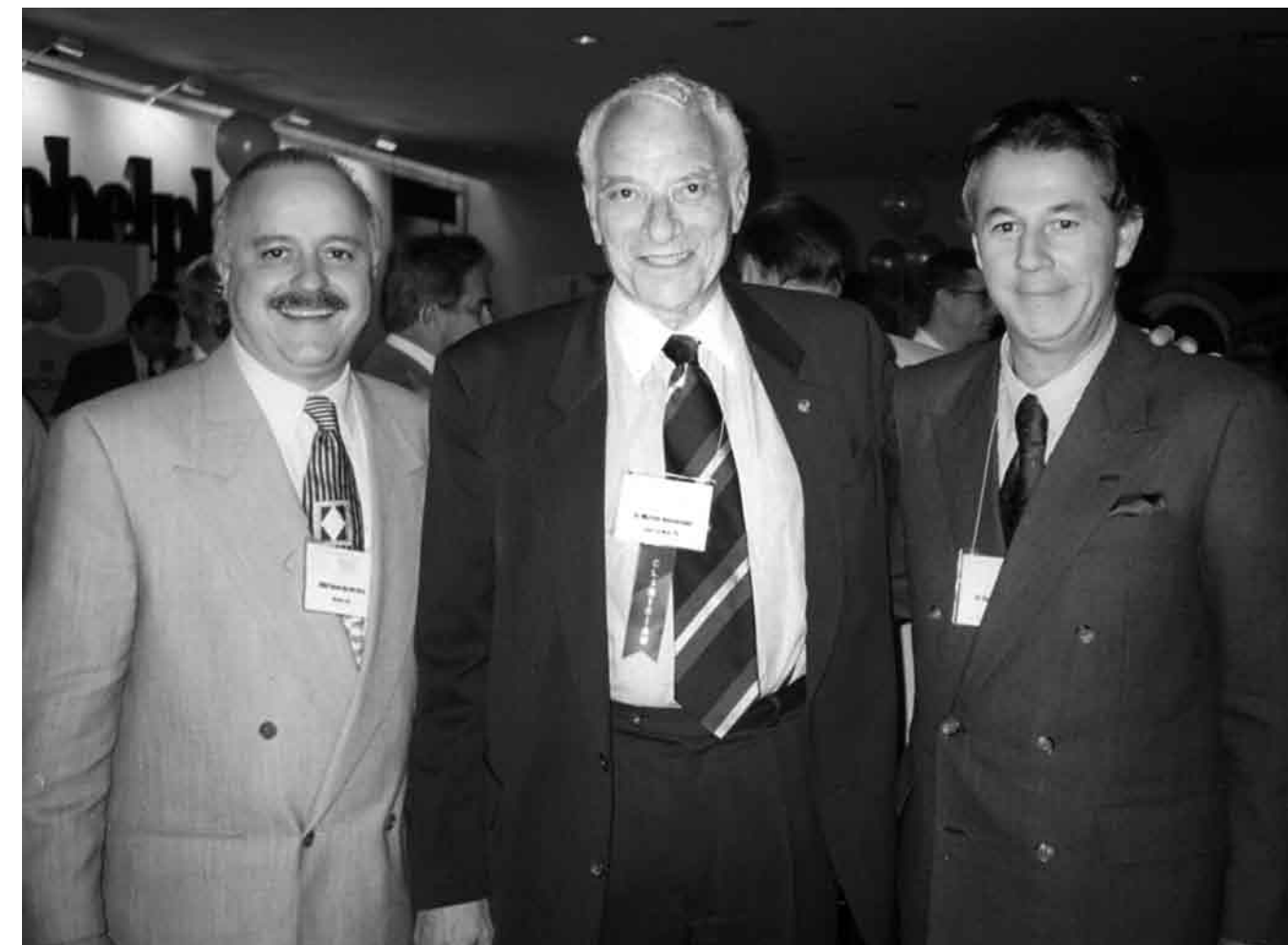
Como esquecer os encontros concorridíssimos, aos quais se ia para ver e ser visto, na Confeitaria Iguaçu, da família Mehl, com ampla vista da Praça Osório (Edifício Hauer) e do edifício Garcez, com o Cine Palácio?

A prataria, as toalhas alvas e engomadas – com piano fazendo o *back ground* do cenário –, os *mâitres* germânicos – esse era um cenário diário, parecendo de festas especiais, mais raro, no Grande Hotel Moderno, na Rua XV, hoje tomado por loja de eletrodomésticos.

Foi naquela atmosfera e naquele espaço geográfico do Centro – charmoso, sem flanelinhas, trombadinhas, camelôs e outras faunas humanas – que Bento iria, no final de 1965, estabelecer o consultório, montado pelo pai. Consultório que custou caro, dotado de equipamentos inacessíveis para boa parte dos novos odontólogos, instalado na Galeria Nacional, Edifício Ana Cristina, Praça Osório, então uma moderníssima construção erguida pela família Canet. Ficava a alguns metros da então chamada Comendador Chic, apelido dado por Dino Almeida à Comendador Araújo, na qual as luzes se voltavam para a boate Karinas, super-endereço da moda.

Lá na Galeira Nacional ficou por 14 anos, fez e solidificou clientela, atendeu à velha Curitiba, fez-se amigo dela, e acompanhou toda a trajetória do novo patriciado que iria se formar; testemunhou as “mágicas” do muito dinheiro novo gerado pelo café e os novos ricos de acentos gaúchos, vindos do Sudoeste, do Oeste ou os que chegavam do Norte do Paraná, sem afetações, simples e simpáticos, com um falar lembrando às vezes o do caipira – paulista. Ou com entonações docemente à mineira.

Ao mudar-se para o atual endereço no Edifício Everest, levou a clientela e um nome consolidado, totalmente integrado à nova paisagem humana e espiritual. Beneficiado pelo observatório privilegiado do início dos anos 60s, com a dupla visão e entendimento de um velho/aristocrático Paraná ao lado do Paraná que seria a “terra de todas as gentes”.



Julio Sá Ferreira, Morton Amsterdan e Bento.

Memória de Curitiba

“A cadeira do dentista Bento Garcia é uma cátedra”, sentencia o amigo – e também cliente – Antonio Carlos Carneiro Neto, jornalista, ele mesmo uma das vozes de maior acústica no Paraná de hoje.

Carneiro Neto sabe o que está dizendo, conhece o potencial que o especialista acatado tem em recolher lições e observações de fontes privilegiadas. São elas clientes de diversas áreas, empresários de alto coturno, alguns podendo ser qualificados de *tycons*, como foi um amigo/cliente de Bento, Cecílio Rego Almeida.

E também há os senhores da política – senadores, prefeitos, deputados, dirigentes partidários –, cujos nomes, por questões éticas, o profissional não cita – “isso só interessa a mim e a eles”.

Mas eles desfilam diariamente pelo décimo sexto andar do Edifício Everest.

E ali vão depositando a partir do diálogo possível – quando não estão de boca aberta – informações sobre a bolsa, palpites para investimentos, notícias de coxias do paleo e plateia da política. E também por lá passam cineastas, artistas plásticos, arquitetos e decoradores, mulheres elegantemente vestidas de forma clássica e jovens beldades de uma geração de saúde/charme e beleza.

Os pedidos de confidencialidade das informações são atendidos, ossos do ofício.

Por anos, o amigo Fabri, o alfaiate de uma geração elegante, ia lá tirar medidas e provar os ternos de Bento. Fabri deixou saudade.

O mago da prótese em implante dentário preza sua vida privada: tempo para os filhos Eduardo, banqueiro atuando no Paraguai, 30; Mariana, mãe do neto Gabriel, 35; e Adriana, 41, casada com Paulo Beltrão.

Com Leila Miranda, advogada, companheira de vida há oito anos, viaja com certa frequência aos Estados Unidos, a maioria das vezes para congressos de sua especialidade, mas com tempo para incursões naquela sociedade que admira e ama.

Não bebe, não fuma, faz o ritual diário de caminhar pela pista do Parque Barigüi, exatos 30 minutos, das 19 às 19h30 min, desde que foi em 1992 operado do coração por Sérgio Almeida de Oliveira e Olavo Ferreira, em São Paulo. Mas não abre mão de pequeníssimas exce-

ções, como comer um “pedacinho de chocolate diário”. Acredita que só excesso é que faz mal.

Mais que hábito, participar da missa dominical na Igreja do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, no Água Verde, é imperdível dever e necessidade cultivados desde a infância. A Paróquia fica perto de sua casa, e nela vê como referência um padre carismático em quem identifica “um homem de Deus” – padre Chico.

Falou da infância, acaba lembrando do “Brucutu”, o irmão mais moço, Renato Santos Garcia, que morreu em setembro deste 2008, uma lenda para Bento. Era um boêmio e personagem encantadora, cujo grande dom foi o de saber cativar e conquistar amigos. E tinha uma multidão deles espalhada pelo Sul do país.

De todos os escalões, ministros de tribunais superiores, desembargadores, prefeitos, o vice-governador, deputados, empresários, homens e mulheres do povo foram ao enterro de Renato, em Camboriu. Uma perda da qual Bento não parece ter-se recuperado.

Recordações do irmão que se associam à meninice e juventude divididas com outras figuras quase lendárias de tempos não muito distantes, como Julio Camargo, “um craque de quase tudo”, que foi estrela do Figueirense. Um puxar de memória que o faz revisitar a Boate Baturité e seu criador, Dimas de Campos, dono também do Rancho Baturité, endereços que encantaram a vida dos que viveram os anos dourados da orla catarinense, na Camboriu natal de Bento. Lá Bento tinha uma “mesa da diretoria”, reserva especial de Dimas para o amigo.

Bento se recompõe com facilidade, a emoção não pode ficar.

Tem compromisso com o presente, sabe que *tempus fugit*. Como viu passar boa parte da chamada velha Curitiba, a que deu lugar à metrópole ainda habitável, cujos traçados físicos e alma de seu povo ele conhece nas novas e velhas facetas.

Um conhecer profundo, a partir de sua cátedra privilegiada, a do consultório. Dali construiu teias de relacionamentos ímpares.

É um privilegiado.